

Sou mulher de verdade, empoderada, feminina: a identificação de gênero entre os engodos ideológico e tecnológico

Je suis une vraie femme, *empowered*, féminine: l'identification du genre entre les leurre idéologique et technologique

Evandra Grigoletto¹

Resumo

Busco compreender, no presente artigo, a partir do referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso pecheuxiana, os processos de identificação em discursos produzidos, na mídia social Facebook, por mulheres eleitoras de Bolsonaro, enfocando a discussão sobre o gênero feminino. Para tanto, parto de materialidades significantes (LAGAZZI, 2007), retiradas de duas páginas do Facebook, intituladas Mulheres COM Bolsonaro#17 e Mulheres com Bolsonaro, perseguindo uma regularidade muito presente nos discursos dessas páginas, materializada no enunciado sou mulher. Nas análises, tomando esse enunciado como fio condutor, observo, por um lado, o funcionamento desse enunciado em relação à afirmação sou mulher de verdade e, por outro, o que produz o empoderamento dessa mulher. Partindo de um gesto de leitura das imagens de capa dessas páginas, as quais dialogam com sentidos sobre o ser mulher de verdade e empoderada, presentes em discursos de mulheres eleitoras de Bolsonaro que elegi para análise, concluo que a identificação de gênero, nesse caso, se produz na contradição entre o engodo ideológico e o engodo tecnológico.

Palavras-chave: Identificação. Contradição. Sou mulher. Engodo ideológico. Engodo tecnológico

Résumé

À partir du cadre théorique-méthodologique de l'Analyse du Discours de Pécheux, nous cherchons à comprendre les processus d'identification dans les discours produits par des femmes qui ont élu Bolsonaro, sous la perspective du genre féminin, dans le réseau Facebook, plus précisément sur deux pages dont les titres sont Mulheres COM Bolsonaro#17 et Mulheres com Bolsonaro. Pour ce faire, nous nous penchons sur des matérialités signifiantes (LAGAZZI, 2007), poursuivant une régularité assez présente dans les discours de ces pages, matérialisée dans l'énoncé je suis femme. Situées dans ce contexte, les analyses réalisées à partir de l'idée maîtresse issue de l'énoncé permettent d'arriver aux conclusions qui suivent. D'une part, le déroulement de cet énoncé par rapport à l'affirmation je suis une vraie femme et, d'autre part, ce qui produit l'empowerment de cette femme. Les images qui sont à la une de ces pages et qui font l'illustration de la dite vraie et empowered femme sont en correspondance avec les discours des électrices de Bolsonaro. Ceci dit, nous pouvons conclure que l'identification du genre est produite dans la contradiction entre le leurre idéologique et le leurre technologique.

Mots-clés: Identification. Contradiction. Je suis femme. Leurre idéologique. Leurre technologique

Recebido em: 16/10/2020.

Aceito em: 11/11/2020.

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, líder do Núcleo de Pesquisas em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1458-0491>.

Situando a reflexão

O presente artigo é resultado das reflexões empreendidas no projeto de pós-doutoramento, intitulado *Movimentos de mulheres nas redes sociais: lugares de enunciação, identificação, memória*², realizado no programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, observei a circulação de discursos, nas mídias sociais, de mulheres eleitoras de Bolsonaro, sobretudo em duas páginas do Facebook - Mulheres COM Bolsonaro #17 e Mulheres com Bolsonaro - centrando meu olhar no funcionamento das noções de lugares de enunciação, identificação e memória. E alguns enunciados chamaram a atenção pelo modo como se apresentaram, de forma insistente e repetitiva, nessas páginas, constituindo uma regularidade discursiva. É o caso do enunciado *sou mulher* que, conforme anunciei no resumo, servirá de fio condutor para as análises que pretendo desenvolver neste texto.

Conforme já discutimos em outro trabalho³, esse enunciado significa na contradição de dois lugares de enunciação (ZOPPI FONTANA, 1999, 2017), quais sejam: *eu, mulher feminina X nós, mulheres feministas*. Nesse texto, observamos o funcionamento desse enunciado relacionado ao movimento do **Ele Sim**, que ganhou as redes, mas também as ruas durante a eleição de 2018. Já, no artigo em tela, vou observar o funcionamento desse lugar de enunciação, *eu, mulher feminina*, a partir de duas outras regularidades que se apresentam nesse corpus, relacionadas à formulação *sou mulher*: as mulheres de verdade e o empoderamento feminino. Partindo dessas regularidades, pretendo avançar na reflexão sobre os processos de identificação do sujeito, problematizando a questão do gênero feminino.

Antes, no entanto, de entrar nas análises desses dois blocos temáticos, julgo importante fazer uma discussão mais abrangente sobre o modo de funcionamento das páginas de onde retirei o corpus. Para tanto, já faço uma primeira entrada analítica, lançando um gesto de leitura sobre as imagens de capa dessas páginas, cujos sentidos vão dialogar e já antecipar alguns discursos que analisarei na sequência.

Primeira entrada analítica: produzindo um gesto de leitura sobre as imagens de capa

Início esse tópico fazendo uma breve explanação das duas páginas do Facebook onde circularam as postagens que serão objeto de análise, a fim de situar o leitor sobre as condições de produção⁴ em que se inscreveram esses discursos, bem como produzir uma reflexão sobre o modo como as mídias sociais, em especial o Facebook, atua na produção

² Tal projeto, desenvolvido entre setembro de 2019 e agosto de 2020, teve a supervisão da professora Doutora Mônica Zoppi Fontana, e contou com o apoio do CNPq, através da concessão de Bolsa Pós-Doutorado Sênior (PDS), processo 104012/2019-6.

³ Trata-se do artigo, produzido em coautoria com a supervisora do projeto de pós-doc, intitulado *Sou mulher, ele sim: identificação e lugares de enunciação*, que será publicado em forma de capítulo de livro, na coletânea *Mulheres e...*, que está sendo organizada pelas professoras Dantielli Assumpção Garcia e Fernanda Luzia Lunkes, lançado em 2021.

⁴ Estou tomando aqui a noção de condições de produção a partir da discussão empreendida por Pêcheux (1997a). que afirma que todo processo discursivo está sempre atravessado por processos discursivos anteriores, por já-ditos, já-ouvidos, sendo esses determinantes para os efeitos de sentido produzidos em condições de produção específicas. Portanto, as condições de produção envolvem não só o contexto imediato, mas também o contexto sócio-histórico em que os discursos se inscrevem (ORLANDI, 2001).

de um engodo tecnológico, o que acaba por produzir deslocamentos nas relações de identificações dos sujeitos.

As páginas em análise não merecem uma distinção em termos do funcionamento dos discursos que nelas circulam, já que apresentam as mesmas regularidades em relação às temáticas tratadas, bem como em relação à identificação ideológica dos sujeitos que as seguem. Trata-se de duas páginas que surgiram na campanha eleitoral de 2018, com o objetivo de reunir mulheres eleitoras de Bolsonaro, e que continuam ativas, embora com um menor número de postagens. Em nenhuma delas, encontrei uma descrição detalhada dos objetivos da página; apenas que são páginas oficiais desse grupo de mulheres e que são administradas por pessoas cuja identidade é desconhecida, já que tais informações não estão disponíveis ao leitor⁵. A página *Mulheres COM Bolsonaro #17*⁶ foi criada em 15 de setembro de 2018, está enquadrada na categoria *site de notícias e mídia* e conta com, aproximadamente, 150 mil seguidores. A outra página, *Mulheres com Bolsonaro*, foi criada em 02 de abril de 2018⁷, está enquadrada na categoria *organização sem fins lucrativos* e conta com, aproximadamente, 70 mil seguidores. Em ambas as páginas, a imagem do perfil do seu criador se repete, ou está muito próxima, da imagem de capa da página. E minha entrada analítica nesse corpus se dará pelas imagens de capa, já que é pelo nome e imagens dessas páginas que se dá o primeiro efeito de engajamento dos seus seguidores, que resulta também num movimento de identificação desses sujeitos.

Tomo tais imagens como materialidades significantes (LAGAZZI, 2007), considerando-se as diferentes especificidades dos elementos que as compõem, não de forma complementar, mas contraditória. Segundo a autora, nesse tipo de recorte, ou de sequência discursiva (SD), como denomino aqui,

não temos materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais. Na remissão de uma materialidade a outra, a não-saturação funcionando na interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados, num movimento de constante demanda (LAGAZZI, 2007, p. 3).

Vejamos, então, as SDs que representam essas imagens de capa das páginas em análise.

⁵ No artigo já referido (nota 2), fizemos uma discussão mais aprofundada sobre as características dessas duas páginas, estabelecendo um contraponto com o grupo do MUCB (Mulheres Unidas Contra Bolsonaro), bem como refletindo sobre a relação entre transparência e manipulação de dados.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/MulherescomBolsonaroOf>. Acesso em: 26 set. 2020. Curiosamente, essa página foi criada um dia antes do ataque cibernético sofrido pelo grupo MUCB, e mantém a mesma imagem e nome para os quais, à época, foram alterados o grupo hackeado.

⁷ Disponível em: https://www.facebook.com/mulherescombolsonarooficial/?ref=page_internal. Acesso em: 26 set. 2020.

Figura 1: imagem de capa da página do Facebook Mulheres COM Bolsonaro #17.



Fonte: Facebook⁸.

Como observamos, trata-se de uma imagem de Bolsonaro sorridente e acenando - possivelmente para seus eleitores -, com um fundo rosa, composto de silhuetas de mulheres - todas magras e, supostamente, empoderadas - e da imagem da bandeira do Brasil. Do lado esquerdo, compoendo essa materialidade, o nome do grupo, com um destaque para o COM, grafado com letras maiúsculas da cor azul, para contrastar com o fundo rosa, e o slogan da campanha do candidato: *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*, seguido da hashtag #B17, representando o número do seu partido na eleição.

Para além da descrição, quando mobilizamos o batimento entre descrição e interpretação, como nos ensinou Pêcheux (1997b)⁹, observamos pontos de deriva que nos oferecem lugar à interpretação. E o primeiro ponto que nos chama a atenção é o nome da página, mulheres COM Bolsonaro. Pode causar um certo estranhamento a especificidade do gênero *mulheres*. Por que não homens com Bolsonaro, ou simplesmente eleitores, brasileiros com Bolsonaro? Sem apontar uma resposta definitiva, duas interpretações, não excludentes entre si, me parecem possíveis para a escolha da campanha de Bolsonaro com foco nas mulheres: 1) todas as pesquisas de intenções de votos apontavam uma maior rejeição a Bolsonaro entre o público feminino¹⁰; 2) a luta coletiva de mulheres contra Bolsonaro, sobretudo representada pelo movimento #EleNão, apresentava um crescimento exponencial nas redes, e se organizava para tomar as ruas das principais cidades brasileiras no dia 29 de setembro de 2018. Era preciso, portanto, reagir. E essa reação veio, entre outras formas, com a criação de páginas como essa. Pelos dados públicos de que dispomos sobre a página, conforme já mencionei acima, não é possível chegarmos ao seu criador, tampouco afirmarmos que se trata de uma iniciativa espontânea de uma mulher; ao contrário, pelo tempo que acompanho tal página, pelos conteúdos nela publicados¹¹, pelo fato de não ser uma página exclusiva de mulheres, pela falta de dados na

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/MulherescomBolsonaroOf/photos/a.790855434434066/790855421100734>. Acesso em: 26 set. 2020.

⁹ Todas as datas mencionadas no artigo fazem referência ao ano da edição/tradução da obra consultada. As datas originais, quando for o caso, estão mencionadas nas referências.

¹⁰ Ver, por exemplo, esta matéria publicada na revista Exame, dias antes do ato do #EleNão, que apontava que a rejeição entre as mulheres poderia atrapalhar sua eleição no 2º turno. Disponível em: <https://exame.com/brasil/rejeicao-de-bolsonaro-entre-as-mulheres-pode-atrapalhar-2o-turno/>. Acesso em: 27 set. 2020.

¹¹ Acompanho essa página desde março de 2019 e observo uma regularidade nas temáticas abordadas. Na época da campanha, a maioria das postagens era de apoio à candidatura do capitão, que ia salvar o Brasil da corrupção, livrar o Brasil da ideologia de gênero pregada pelo PT, defender a família, trazer segurança às

descrição e transparência da página, pelo anonimato dos seus administradores, pelo fato de o “Fale Conosco” nos levar ao convite de inscrição num grupo de WhatsApp com o mesmo nome, parece-me que a página foi criada para, à época, fazer campanha para o então candidato, e mantém-se ativa até o momento atual para enaltecer as ações do governo, para elogiar “nosso presidente”.¹²

Voltando à imagem de capa da página em análise, entendo que lá funcionam efeitos de sentido de segurança, proteção (dadas pelo candidato que acena sorridente à frente das mulheres), de patriotismo (representado pela imagem da bandeira do Brasil e por parte do slogan *Brasil acima de tudo*), empoderamento feminino (representado pelas silhuetas das mulheres em destaque, sob o fundo rosa, cor do feminino), religiosidade (representada pela outra parte do slogan *Deus acima de todos*). O slogan do candidato, seguido da hashtag #B17, interpela as eleitoras a se identificarem com esse discurso do patriotismo, da fé religiosa, de um candidato que não se diz político, que defende a família heteronormativa, que vai livrar o Brasil da corrupção e “empoderar”¹³ as mulheres. Produz-se, assim, um apagamento do partido político ao qual pertencia Bolsonaro na época da campanha (afinal, seu partido é o Brasil), bem como do fato de que ele foi deputado por 28 anos. Apaga-se, também, o fato de que a conquista do voto feminino, por exemplo, se deu pela luta do movimento feminista.

Passo, agora, à análise da imagem de capa da página 2, Mulheres com Bolsonaro, para, em seguida, fechar esse item fazendo uma discussão sobre o que, para além da identificação ideológica, produz engajamento dessas mulheres a essas páginas. Vejamos a figura 2.

mulheres e pessoas de bem desse país, entre outras, que sempre produziam alguns efeitos de sentido dominantes: o ódio ao PT, a negação do feminismo, e Bolsonaro como “o Mito que acordou uma nação inteira que estava desacreditada com tanta corrupção e sofrimento”(Postagem realizada por uma seguidora da página em 13 out. 2018). Agora, quase dois anos depois de Bolsonaro assumir a Presidência do Brasil, as postagens vão sempre na direção de defesa do seu governo: reproduzem postagens do twitter do Presidente; trazem recortes do vídeo tornado público da reunião ministerial de abril de 2020, de forma irônica, com ênfase ao desempenho de Bolsonaro (*miliciano digital*, nas palavras de seus seguidores); mostram campanhas do *Brasil não pode parar*, com destaque para as ações realizadas pelo governo desde janeiro de 2019; publicam críticas a Moro e Mandetta - taxados de traidores - e, por outro lado, elogios a Weintraub e Ernesto Araújo; circulam textos de médicos que afirmam que a quarentena é desnecessária e que, em abril, já tínhamos chegado ao pico da pandemia do coronavírus; repetem hashtags como #Bolsonaro2022, #FechadacomBolsonaro, entre outras. Ainda uma regularidade que merece ser destacada, e que se mantém desde a criação da página, é que há muitas postagens vindas do filho do Presidente, Eduardo Bolsonaro, e algumas, com menor frequência, de deputadas da base governista, como Bia Kicis e Carla Zambelli.

¹² Não disponho de espaço aqui para aprofundar esta discussão, mas chama a atenção o fato dessas mulheres, ao falarem de si, enunciarem de um lugar de enunciação individual - eu, mulher feminina -, formulando repetidas vezes o enunciado *sou mulher*, mas, ao falarem de Bolsonaro, enunciarem de um outro lugar: é o nosso Presidente, não o meu.

¹³ Grafo aqui a palavra “empoderar” entre aspas para marcar os sentidos em disputa para essa palavra, os quais se inscrevem em campos antagônicos na nossa formação social - o do empoderamento individual e o do empoderamento coletivo. Vamos observar, nas análises a seguir, que o empoderamento dessas mulheres está ligado ao direito de portar armas. O destaque com as aspas também serve para sinalizar ao leitor que não me identifique com esse sentido de empoderamento. A mesma observação vale para a palavra luta.

Figura 2: imagem de capa da página do Facebook Mulheres com Bolsonaro.



Fonte: Facebook¹⁴.

Como podemos visualizar, os elementos que remetem ao patriotismo comparecem aqui também a partir da utilização da Bandeira do Brasil como imagem de fundo. O que causa estranhamento, no entanto, é a imagem de mulher trazida para representar essa “luta”, esse engajamento a Bolsonaro. Trata-se da representação da imagem de Rosie, que se tornou símbolo da luta feminista, com o rosto de Bolsonaro estampado em seu macacão.

Essa imagem foi criada durante a segunda Guerra Mundial, e exibida em um cartaz, por apenas duas semanas, em 1943, na porta da companhia elétrica Westhouse, nos Estados Unidos. Ela resgata uma memória da história de Rosalind P. Walter¹⁵, uma das primeiras mulheres operárias a trabalhar na indústria armamentista, já que a maioria dos homens se encontrava na guerra. No turno da noite em uma fábrica, ela rebitava chapas metálicas para serem usadas na construção de aviões. Sua história chamou a atenção de um jornalista, que a contou em sua coluna. O texto dessa coluna inspirou, então, a banda Kay Kaiser a escrever a música *Rosie the Riveter*, que fez muito sucesso na época. E, a partir dessa canção, a imagem de Rosie, a rebitadora (como ficou conhecida) foi materializada no cartaz já mencionado, que trazia os seguintes dizeres: *we can do it* (nós podemos fazer isso). Embora a história de Rosalind tenha inspirado a música e, posteriormente, o cartaz, a fotografia que está exibida no cartaz não é dela, mas sim de Naomi Parker Fraley, falecida em 20 de janeiro de 2018.

Mesmo essa imagem tendo sido criada com um objetivo específico que, à época, consistia em chamar mais mulheres para exercer os trabalhos em fábricas e também para encorajar as que já se encontravam trabalhando a permanecer, ela acabou se tornando um ícone do movimento feminista a partir dos anos 70 sobretudo, sugerindo empoderamento feminino.¹⁶ Hoje, o sentido já cristalizado socialmente sobre essa imagem a associa à luta

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/mulherescombolsonarooficial/photos/a.814428642079551/819484244907324>. Acesso em: 26 set. 2020.

¹⁵ Rosalind morreu em março de 2020, aos 95 anos. Informações obtidas a partir da reportagem da GHZ, disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/03/mulher-que-inspirou-poster-simbolo-do-feminismo-morre-aos-95-anos-ck7glxmo3024l01oankpi7vzn.html>. Acesso em: 09 out. 2020.

¹⁶ Um pouco mais da história de Rosie, inspiração para a cartaz, bem como o cartaz original podem ser encontrados nesta matéria do UOL – aventuras na história. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/rosie-a-rebitadora-conheca-historia-por-tras-do-simbolo-feminista.phtml>. Acesso em: 10 out. 2020.

do movimento feminista, funcionando, como nos diz Davallon (1999), como operadora da memória social. Isto é, ela convoca uma memória, não necessariamente a memória da história da mulher que inspirou o cartaz, mas a memória da luta do movimento feminista, já que essa imagem se tornou conhecida mundialmente associada ao feminismo. Portanto, o que podemos nos perguntar é: o que uma imagem que é símbolo da luta feminista produz, em termos de efeitos de sentidos e também de relações de identificação, ao estampar a imagem de capa de um grupo que é antifeminista? Eis o estranhamento. Trata-se de uma identificação que se dá pela ordem do (des)conhecimento, da estupidez?

Num primeiro movimento de interpretação, eu diria que a memória retomada não é, necessariamente, a da luta do movimento feminista, mas do slogan do cartaz original - *nós podemos fazer isso* -, associado à imagem de Bolsonaro na gola do macacão de Rosie, sugerindo efeitos de sentido como: nós podemos votar em Bolsonaro, ele é nosso ídolo, nosso mito, defensor da pátria e da família, vestimos a sua camisa, ele nos permitirá fazer o que Rosie fazia, etc. Para além dessa identificação com os dizeres do slogan, parece-me que essa retomada também se dá a partir dos sentidos sugeridos pelo cartaz original, que nada tinha a ver com o feminismo; muito pelo contrário, tratava-se de um cartaz motivacional, que incentivava as mulheres a trabalhar por patriotismo, por seu país, por um tempo específico, até que os homens retornassem da guerra, quando, de fato, a maioria das mulheres que trabalhavam em fábricas foram demitidas e voltaram a seus papéis de donas de casa. Há, portanto, a partir dessa apropriação que é feita de um símbolo da luta feminista, uma distorção dos sentidos sedimentados socialmente sobre essa imagem.

Assim, em termos teóricos, nessa relação com a memória discursiva, o que ocorre é uma desregularização de um efeito em série de um sentido dominante, “sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória” (PÊCHEUX, 1999, p. 52). Esse acontecimento se materializa, no caso em análise, na eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República do Brasil. Um acontecimento que “desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” (*Op. cit.*).

É interessante ainda observar que essa imagem de capa da página também aparece em forma de postagem, logo após a criação da página, em 18 de abril de 2018¹⁷. Tal postagem recebeu 20 comentários e 28 compartilhamentos, dos quais destaco dois comentários:

Comentário 1: “Essa foto eh da luta FEMINISTA. Bando de incoerentes sem cultura.”

Comentário em resposta ao comentário 1: “Mas se for feminista de verdade, que é aquela das antigas que andavam bem vestidas tá valendo o que não vale é esses grupinhos de hoje que se intitulão até de vadias.”

Nesse primeiro comentário, a mulher que faz a postagem retoma essa memória da *luta FEMINISTA* que foi apagada, ou é desconhecida das mulheres eleitoras de Bolsonaro, acusando-as de *bando de incoerentes sem cultura*. Portanto, uma voz destoante na página, que diz do lugar de enunciação *nós, mulheres feministas*. No entanto, essa voz que representa esse outro lugar de enunciação aparece raramente na página em análise. As respostas-comentários recorrentes a essa e outras publicações reafirmam o lugar de enunciação *eu, mulher feminina*, ao reproduzirem discursos pró-Bolsonaro, que se materializam em

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/mulherescombolsonarooficial/photos/a.812872085568540/819484121574003/>. Acesso em 11 jun. 2020

enunciados-hashtags como: #EleSim; #Mito; #Bolsonaro2018; #Bolsonaro17, entre outros que apontam para essa mesma direção de sentidos. Também esse lugar de enunciação é reafirmado, embora por uma voz masculina, no comentário-resposta a esse comentário.

Tal comentário, destacado acima, é feito por um homem, que, ao dizer desse lugar de enunciação, afirma que, *se for feminista de verdade, tá valendo*. Mas o que significa para esse homem ser feminista de verdade? O próprio sujeito nos aponta as pistas: vestir-se bem e não se intitular vadia. Ao apresentar tal explicação, que é operada por uma articulação sintática, temos o funcionamento do *discurso-transverso* (PÊCHEUX, 2009, p. 159), que atravessa e põe em conexão, no fio do discurso, os saberes do sujeito universal - “como dissemos”, “como todo mundo sabe” -, mobilizando memórias de diferentes momentos da luta do movimento feminista. Conforme nos mostra Pêcheux (2011, p. 136, grifos do autor), nesse tipo de estrutura sintática, “pode-se passar da *explicativa ecumênica* à *restritiva sectária*, traçando uma fronteira entre [...]” as feministas de antigamente e as feministas de hoje. Àquelas é atribuída a característica de *feminista de verdade*, enquanto essas são *grupinhos que se intitulam até de vadias*. Se, segundo a posição-sujeito ocupada por esse homem, as mulheres feministas se intitulam *até* de vadias, significa que elas também se intitulam de outras coisas, como mulheres empoderadas, livres, etc, sendo a designação vadias a pior delas, já que uma mulher de verdade não pode ser vadia. O que está colocado em jogo, então, segundo Pêcheux (2011, p. 137), para além da estrutura própria da língua, é que tais processos discursivos pertencem “de maneira constitutiva e co-extensiva ao campo da luta ideológica e política de classes”.

Dessa forma, ao colocar as feministas de antigamente e as de hoje em campos ideológicos opostos, apaga-se, por exemplo, o movimento que ficou conhecido como a queima de sutiãs, no qual mulheres aproveitaram o concurso de “Miss America”, de 1968, para colocar no chão sutiãs¹⁸, sapatos de salto alto, cílios postiços, spray de laqué, maquiagens, etc, simbolizando uma forma de libertar-se do padrão imposto de beleza feminina, do conceito de vestir-se bem. Por outro lado, reforça-se um discurso conservador e moralista, em que a mulher feminina (mãe, bem vestida, bem comportada, seguidora da moral e dos bons costumes) deve se inscrever, rechaçando movimentos feministas como a Marcha das Vadias¹⁹, em que parte das manifestantes vestem roupas consideradas provocantes pela nossa sociedade patriarcal (saias curtas, blusinhas transparentes, ou só o uso do sutiã etc), como forma de deboche e contestação.

A língua, portanto, como nos ensinou Pêcheux (2009, p. 82, grifos do autor) não é indiferente à luta de classes, já que “*todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes*”. E não seria diferente com os discursos ora analisados. Considerando que todo discurso é constitutivamente ideológico, tomamos o sujeito como constitutivamente contraditório, já que a ideologia, a luta de classes não se produz sem contradição.

¹⁸ A ideia inicial das ativistas era, de fato, colocar fogo nos sutiãs, mas como se tratava de um local privado - um teatro onde acontecia o concurso - isso não foi permitido pela Prefeitura de Atlantic City. Então, elas dispuseram as peças no chão e depois as enterraram. A partir desse ato simbólico, a discussão por igualdade de gênero ganhou força e, em outros países, a queima de fato ocorreu. Em 2017, no dia Internacional da Mulher, como forma de protesto e mobilização para a Greve Internacional das Mulheres e do movimento Nenhuma a Menos, houve, em Goiânia, a queima de sutiãs. Maiores informações podem ser obtidas em: <https://www.salutemplus.com.br/blog/post/143/a-queima-de-sutias>. Acesso em: 10 out. 2020.

¹⁹ Sendo bastante reducionista, Marcha das Vadias é um movimento global deflagrado em 2011, em Toronto, no Canadá, que se espalhou pelo mundo como forma de luta das mulheres contra o estupro e, sobretudo, contra a culpabilização da mulher pela violência sofrida, devido à sua suposta má conduta, tanto pelo seu modo de agir quanto de se vestir.

Duplamente interpelado – pela ideologia e pelo inconsciente – o sujeito da AD sofre, também, uma dupla ilusão: 1) de que é origem daquilo que diz (esquecimento nº 1); 2) de que controla os sentidos daquilo que diz (esquecimento nº 2) (PÊCHEUX, 2009).

Voltando à questão, proposta acima, sobre o processo de identificação produzido por essas mulheres, inicio a reflexão pontuando, com base em Pêcheux, que todo processo de identificação é representado, ideologicamente, sob a forma da intersubjetividade e do consenso, uma vez que a contradição se produz na “discrepância entre a estranheza familiar desse fora situado antes, em outro lugar, independentemente (o pré-construído²⁰) e o sujeito responsável, identificável, que dá conta de seus atos”. Assim, “o sujeito, pela sua ignorância, pode se submeter a essa contradição, ou apreendê-la por meio de sua agudeza de espírito” (PÊCHEUX, 2009, p. 142).

Buscando o consenso, essas mulheres, então, submetem-se à contradição entre, por exemplo, ser feminina, mas não feminista. Entendo que tal submissão a essa contradição em especial pode ser explicada, por um lado, pelo desconhecimento da memória da luta do movimento feminista (esse fora situado antes, em outro lugar, independentemente), mas, por outro, pelo funcionamento do cinismo (BALDINI, 2012)²¹. O cinismo, conforme afirmamos em trabalho anterior, “enquanto modo de dizer e de subjetivação que poderia ser descrito pelo enunciado: *Sei bem o que estou fazendo* [me apropriando de bandeiras/símbolos feministas], *mas mesmo assim o faço* [apago a luta feminista e silêncio sobre suas conquistas históricas]” (GRIGOLETTO; ZOPPI FONTANA, 2021 (no prelo)).

Determinados por um desses funcionamentos, que são sempre da ordem do ideológico, os discursos produzidos nessas páginas apontam para uma evidência de sentido – Bolsonaro não é machista e vai defender as pautas femininas – mas também para um efeito sujeito evidente – sou mulher, sei o que faço e, por isso, voto em Bolsonaro. Assim, atravessadas por essas duas ilusões, essas mulheres, ao enunciarem a partir de um *eu individualizante*, ignoram que a sua tomada de posição nunca é neutra, mas sim

[...] resulta de um retorno do “Sujeito” no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo que ele “toma consciência” e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus “semelhantes” e com o “Sujeito”. O “desdobramento” do sujeito é uma reduplicação da *identificação*, precisamente na medida em que ela *designa o engodo dessa impossível construção da exterioridade no próprio interior do sujeito* (PÊCHEUX, 2009, p. 160, grifos meus).

É esse engodo, então, que mascara as determinações e contradições sofridas pelo sujeito, reduplicando sentidos dominantes sobre o que é ser mulher numa sociedade patriarcal. E, para além desse engodo ideológico que constitui os processos de identificação dessas mulheres, há o que estou chamando de *engodo tecnológico*.

²⁰ Pêcheux (2009, p. 89) retoma a noção de pré-construído de Paul Henry (1992) para “designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que “é construído” pelo enunciado”. Isso significa dizer que algo fala antes, em outro lugar, independentemente.

²¹ O autor parte da discussão do cinismo “enquanto forma de estruturação social e subjetiva na contemporaneidade” (BALDINI, 2012, p. 106), a qual não funciona fora do ideológico, mas pode produzir deslocamentos nos processos de identificação dos sujeitos com a ideologia, produzindo uma “espécie de clivagem em que o sujeito *sabe, mas finge não saber*” (*Op. cit.*, p. 108).

Entendo esse engodo tecnológico a partir do controle produzidos sobre os sujeitos pelos algoritmos do Facebook, que buscam, independentemente da filiação ideológica, os dados individuais, ou dados residuais²², dos seus usuários, visando ao lucro. Trata-se do que Zuboff (2018) chama de *capitalismo da vigilância*, o qual é baseado numa lógica da acumulação, que tem como seu componente fundamental o *big data*²³. Ou, numa perspectiva da comunicação digital, importa que a informação circule rapidamente. Por isso, o que promove essa comunicação é o *curtir*. E “a rápida circulação de informações acelera também a circulação de capital” (HAN, 2018, p. 104). O objetivo é acumular: seguidores, curtidas, compartilhamentos, comentários, hashtags, etc, produzindo um excesso de informação que, segundo o autor, faz o pensamento definhar. O que é, então, supostamente, informação pode se transformar em desinformação e até em fake new.

Portanto, a partir dessa lógica da acumulação, que é o modelo de negócios utilizado pelo Facebook, o pensamento dá lugar ao cálculo, o *nós* dá lugar a um *eu individual*, sujeito da competência, da eficiência (HAN, 2018). Na pressão pelas supostas transparência e liberdade individual, o sujeito caça informações, transforma-se em projeto. “O importante é, com cada clique, conquistar uma presa” (HAN, 2018, p. 78). Assim, seguindo essa linha argumentativa, o autor afirma que mídias sociais como o Facebook são mídias narcisistas, verdadeiras máquinas de egos narcisistas. Mas ele vai além, ao afirmar que

O projeto para o qual o sujeito se liberta se mostra hoje ele mesmo como figura de coação. Ele desdobra a coação na forma do desempenho, da auto-otimização e da autoexploração. Vivemos hoje em uma fase histórica especial, na qual a liberdade, ela mesma, provoca coações. A liberdade é, na verdade, a figura oposta da coação. Agora, essa figura oposta produz, ela mesma, coações. Mais liberdade significa, assim, mais coação. [...] A sociedade atual é uma sociedade do desempenho, que nos individualiza. O sujeito de desempenho explora a si mesmo até ruir (HAN, 2018, p. 87-88).

O engodo tecnológico, então, alicia o sujeito entregando a promessa de sucesso, de liberdade, de livre escolha, apagando os efeitos, próprios do discurso neoliberal, da autoexposição e autoexploração a que esses sujeitos estão submetidos. Trata-se, segundo Han (2019), do protocolamento total e sem lacunas da vida, onde

Os habitantes do panóptico digital não são prisioneiros. Eles vivem na *ilusão da liberdade*. Eles abastecem o panóptico digital com informações que eles emitem e expõem voluntariamente. A autoexposição é mais eficiente do que a exposição por meio de outro. Aí reside um paralelo com a autoexploração. A autoexploração é mais eficiente do que a exploração por outro porque ela é acompanhando do *sentimento de liberdade* (HAN, 2018, p. 121, grifos meus).

Portanto, é a partir dessa ilusão e desse sentimento de liberdade, mencionados pelo

²² Zuboff (2018) nos mostra o que empresas como o Google e o Facebook fazem com nossas curtidas, nossas buscas, nossos e-mails, textos, fotos, músicas e vídeos, localizações, redes, compras, enfim, com todos os nossos cliques que, aparentemente, seriam atividades consideradas não mercantis. Conhecidos como *data exhaust* pelos especialistas em tecnologia da informação, esses dados são redefinidos como resíduos pela sua provável menor monetização. No entanto, como nos adverte autora, “nada é trivial ou efêmero em excesso” para a lógica da acumulação. “Esses dados são adquiridos, tornados abstratos, agregados, analisados, embalados, vendidos, analisados mais e mais e vendidos novamente” (ZUBOFF, 2018, p. 31, 32).

²³ A autora defende que o *big data* não deve ser tomado, simplesmente, como “um objeto, um efeito ou uma capacidade tecnológica”. O *big data*, diz ela, “tem origem no social, e é ali que devemos encontrá-lo e estudá-lo” (ZUBOFF, 2018, p. 18).

autor, e que eu destaquei, que se forja esse *eu individualizante* que, aparentemente, tem o controle sobre sua trajetória de (in)sucesso. Deslocando essa reflexão para o campo da AD, acrescento que o que produz esse ilusão no sujeito é justamente a ideologia, atribuindo ao sujeito o que Pêcheux (2009, p. 144) chamou de “efeito Münchhausen”, em memória do imortal barão que se elevava nos ares puxando-se pelos próprios cabelos”. Trata-se de um “efeito *fantástico* - pelo qual o indivíduo é interpelado em sujeito”, mas tendo a ilusão de que controla o que diz e o que faz. Eis a autoexposição e a autoexploração, que mascaram para o sujeito as práticas de dominação política, exploração econômica e opressão sociocultural.

Isso explica, me parece, o deslocamento do *nós coletivo* para um *eu individualizante*, com o qual essas mulheres se identificam, autoafirmando seu pertencimento ao gênero feminino, mas negando sua inscrição no *nós coletivo*, representado pelo movimento feminista. E esse deslocamento, produzido a partir de um enlace entre os engodos ideológico e tecnológico, produz consequências, efeitos nas práticas sociais e nos processos de identificação do sujeito.

Entre outros efeitos produzidos nas práticas sociais, destaco o efeito sobre a nossa democracia, que busca se desideologizar (como se isso fosse possível). Han, mais uma vez, nos ajuda a refletir sobre isso. Segundo o filósofo,

As massas, que anteriormente conseguiam se organizar em partidos e que eram animadas por uma ideologia, deterioram-se agora em enxames de *unos barulhentos*, ou seja, em *Hikikomoris*²⁴ digitais para si isolados, que não formam nenhuma esfera pública e que não participam de nenhum discurso público. [...] O *Nós* político, que seria capaz da ação em sentido enfático, desmancha-se (HAN, 2018, p. 112-113).

Mergulhadas nesses discursos desideologizantes e nessas práticas individualizantes, embaladas pela lógica neoliberal do Estado mínimo e do sucesso como produto do mérito pessoal, essas mulheres reproduzem o discurso do seu candidato: é preciso combater a ideologia de gênero nas escolas implantadas pelo PT; não faço a velha política do toma lá dá cá; minhas escolhas da equipe do governo são técnicas; meu partido é o Brasil; *sou contra o vitimismo; quem é competente não precisa ficar nesse mimimi ridículo*.²⁵ Tais discursos podem soar absurdo para alguns, mas produzem-se como evidentes para outros, como é o caso dos sujeitos seguidores dessas páginas. Participar da democracia, portanto, virou sinônimo de seguir as páginas de Mulheres com Bolsonaro, de curtir, comentar e compartilhar as postagens lá publicadas, não necessariamente por mulheres²⁶; de reduplicar o discurso “sem

²⁴ Trata-se de um termo japonês utilizado para se referir a pessoas que, visando evitar o contato com outras pessoas, removem-se inteiramente da sociedade. Numa tradução literal significa “isolado em casa”. Não deixa de ser curioso pensarmos que, hoje, devido à pandemia que estamos vivenciando, todos nós fomos obrigados a nos tornar *Hikikomoris digitais*, já que ficamos ainda mais dependentes da tecnologia para fazermos coisas simples do cotidiano, como trabalhar, fazer compras, conversar com os amigos e familiares, etc.

²⁵ Esses dois últimos enunciados serão retomados em SDs do próximo item de análise.

²⁶ Conforme já destaquei na nota 9 sobre as principais temáticas abordadas na página 1, essas páginas não são exclusivamente de mulheres. No caso da página 2, Mulheres com Bolsonaro, a partir de uma sondagem que fiz sobre as principais postagens, as temáticas mais recorrentes são as mesmas da outra página. Mas um dado chama a atenção, pois a maioria das postagens é feita por um internauta curitibano, identificado como Filipe Santo, o que pode sugerir que ele está sendo pago para alimentar a página com discursos elogiosos ao governo. Também é muito recorrente postagens vindas do Deputado Federal Curitibano, Felipe Francischini, hoje líder do PSL (antigo partido de Bolsonaro) na câmara. Ainda observei, nesse período que acompanho a página, o selo de algumas postagens, cujos conteúdos são marcados como “falsos”, ou “parcialmente falsas”. É o aliciamento pelo engodo tecnológico funcionando. Destaco, no entanto, que todos os discursos selecionados para análise neste artigo foram produzidos por mulheres, com mais recorrência para discursos em que as mulheres avaliam essas páginas, sendo esse o local das páginas onde também mais encontrei

ideologia” pregado por seu candidato. A propaganda política, ou o discurso político, nos diz Pêcheux (2011, p 86), produz estratégias que buscam “evacuar qualquer contradição”, e “mascarar a existência das relações de classe”. Eis a desideologização.

É nesse sentido que podemos afirmar que as mídias sociais, tomadas como máquinas de produzir egos narcisistas, produzem deslocamentos nos processos de identificação do sujeito. É na contradição entre o engodo tecnológico e o engodo ideológico, sobredeterminadas pela lógica do capitalismo da vigilância, que essas mulheres se identificam com/pelo gênero feminino, declarando-se *mulher*. Ao se identificarem com uma representação específica sobre o *ser mulher*, conforme vou mostrar nas análises a seguir, reduplicam o discurso machista, excludente, opressor, produzido por seu candidato e seus apoiadores.

Segunda entrada analítica: mergulhando na leitura do *corpus*

Nessa segunda entrada analítica, trago sequências discursivas (SDs), retiradas dessas duas páginas, a partir das quais vou observar, mais especificamente, o funcionamento do enunciado *sou mulher*. Neste primeiro bloco temático, apresento SDs nas quais essa formulação está associada aos sentidos de *mulher de verdade*. Vejamos as três SDs, todas postagens realizadas como avaliação dessas páginas.

SD1: PORQUE SOU MULHER DE VERDADE! Acredito que o BOLSONARO é a mudança que o país precisa e ainda, por saber que muito mais que ser reconhecida por um gênero, sou reconhecida e respeitada por ser inteligente, guerreira, trabalhadora, competente e por ter caráter... o meu gênero nunca vem antes disso! (Post realizado em: 11 set. 2018).

SD2: Bolsonaro é sinônimo de Segurança! É isso que ele transmite para nós mulheres, cidadãs de bem e mulheres de verdade!!! (Post realizado em: 24 set. 2018)²⁷.

SD3: porque sou mulher, independente, emancipada e bem resolvida. Não preciso do Estado e tampouco de Presidente para me tutelar. Quem é competente, como diz nosso Capitão Bolsonaro, tem brilho próprio, não precisa ficar nesse mimimi ridículo. Avante Capitão! (Post realizado em: 13 set. 2018).

Como já antecipei no item anterior, essas mulheres enunciam de um lugar de enunciação²⁸ que tenho chamado de *eu, mulher feminina*, o qual significa na contradição entre um *eu individualizante* e um *nós coletivo*. Um *nós* no qual se inscrevem as mulheres feministas, mas no qual as mulheres femininas, *as mulheres de verdade* não se incluem.

formulado o enunciado *sou mulher*. Observo, por fim, que, na página 2, o tópico de avaliação da página tinha sido desativado, quando da escrita desse artigo, mas o corpus que me interessava já havia sido coletado.

²⁷ Embora, nesse post, a internauta mulher não formula o enunciado *sou mulher*, e se utilize do nós para falar das *cidadãs de bem* e das *mulheres de verdade*, entendo que, em termos discursivo, o que funciona é o mesmo lugar de enunciação das outras SDs, conforme procurarei demonstrar nas análises a seguir.

²⁸ Tomo aqui lugar de enunciação, a partir da reflexão produzida por Zoppi Fontana (1999, p. 23). Segundo a autora, “os lugares de enunciação se definem em relação ao funcionamento do Estado e de suas instituições, porém consideradas as regras de projeção pelas quais as posições de sujeito, das quais esses lugares são parte integrante, se delimitam no interdiscurso, no processo contínuo de sedimentação das condições de produção”. Portanto, a nossa sociedade patriarcal atua na cristalização de um lugar social para a mulher, que a projeta num lugar de enunciação individual e feminino.

Em SD1, ao enunciar desse lugar individualizante (PORQUE SOU MULHER DE VERDADE), o sujeito-mulher justifica seu voto em Bolsonaro. Tanto em SD1 quanto em SD2, o voto também se justifica porque o candidato trará a elas a mudança, a segurança que *as mulheres de verdade, cidadãs de bem* tanto precisam. Não porque se autoafirmam pertencentes ao gênero feminino, mas porque serão reconhecidas e respeitadas, pelo outro (neste caso por Bolsonaro) por serem: inteligentes, guerreiras, trabalhadoras, competentes (SD1), todas características exclusivas das “cidadãs de bem, mulheres de verdade” (SD2). Interessante observar que se, aqui, o reconhecimento desse lugar de enunciação passa pela figura de Bolsonaro, em SD3, é negado o lugar do Estado e do Presidente na tutela dessas mulheres. Ou seja, toda mulher *independente, emancipada e bem resolvida, competente e com brilho próprio* não precisa do *mimimi ridículo*, conforme ensina-lhes o próprio capitão.

Assim, o que poderia se revelar uma contradição no nível da formulação funciona produzindo efeitos no nível interdiscursivo, já que aqui comparece o pré-construído da fragilidade do gênero feminino, de que as mulheres precisam de uma figura masculina para as proteger. Essa proteção, no entanto, não vem necessariamente do Estado, ou de políticas públicas de combate, por exemplo, à violência contra a mulher. A segurança, a mudança que essas mulheres buscam virá pela figura do capitão e sua defesa do armamento da população. O restante é *mimimi ridículo*, já que todas as outras conquistas são da ordem do individual – independência, emancipação, respeito, reconhecimento, etc. As mulheres, portanto, que precisam de proteção do Estado, que lutam por políticas públicas para minimizar os efeitos cruéis e perversos da nossa sociedade patriarcal não reúnem as características para serem consideradas *mulheres de verdades, cidadãs de bem*. São mulheres que, da posição ocupada pelas eleitoras de Bolsonaro, se escodem atrás do gênero para reivindicar um lugar na sociedade, já que não possuem competência, inteligência, brilho próprio, não são guerreiras e trabalhadoras, não possuem caráter.

Coloca-se, em jogo, assim, o que caracterizaria uma mulher de verdade, uma feminista de verdade (retomando os sentidos em jogo da análise anterior) e uma mulher de mentira, uma mulher feminista que se utilizaria do seu gênero para se colocar no lugar de vítima. Enquanto a mulher de verdade enuncia do lugar *eu, mulher feminista*, a mulher de mentira é projetada como louca, vitimista²⁹. Importa destacar que gênero, no discurso dessas mulheres, é tomado como sinônimo de sexo biológico, e não, como estou tomando aqui, como uma construção social e discursiva, “efeito de um processo de interpelação complexo e contraditório” (ZOPPI FONTANA, 2017, p. 2).

Interessante observar, ainda, como o *sou mulher*, ao funcionar na contradição entre os lugares de enunciação *eu, mulher feminista* e o *nós, mulheres feministas*, produz para o sujeito que o enuncia um lugar de identificação que se reduplica num *eu individualizante*, que nega as conquistas do movimento feminista, bem como nega o lugar de subalternidade ainda projetado para muitas mulheres na nossa sociedade patriarcal. Entendo que o que funciona aqui, mais uma vez aqui, é o cinismo. Ou seja, essas mulheres se apropriam de conquistas históricas do movimento feminista, como a busca por igualdade social e de oportunidades no mercado de trabalho, deslocando essa luta coletiva para a lógica do mérito individual, já que tais reivindicações coadunam com os ideários socioculturais assentados na lógica do discurso neoliberal do Estado Mínimo, ou do capitalismo da vigilância, conforme defende

²⁹ O sentido de vitimismo vai aparecer na próxima SD a ser analisada. E o sentido de louca é bem recorrente nessas páginas, quando se faz referência a manifestações do movimento feminista, bem como a deputadas, figuras públicas da esquerda brasileira, como é o caso de Gleise Hoffmann, Maria do Rosário e outras. Infelizmente, não disponho de espaço aqui para fazer uma análise mais aprofundada sobre esses sentidos em disputa, mas fica a menção.

Zuboff (2018). Já, pautas, como a da afirmação da liberdade e da autonomia de mulheres sobre seu corpo e sexualidade, são rechaçadas do lugar de enunciação *eu, mulher feminina*, porque isso fere a missão maior da mulher, que é ser esposa, mãe, avó (exatamente nessa ordem); isso não caracteriza a mulher de verdade. Eis os engodos ideológico e tecnológico produzindo seus efeitos, ratificando esse discurso cínico.

Passo, agora, ao segundo bloco temático, a fim de refletir sobre a relação entre esse lugar de enunciação *eu, mulher feminina* e o empoderamento feminino. Vejamos as SDs selecionadas.

Figura 3: Post da página Mulheres com Bolsonaro



Fonte: Facebook³⁰.

Figura 4: Post da página Mulheres com Bolsonaro



Fonte: Facebook³¹.

³⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/mulherescombolsonarooficial/photos/a.818711818317900/820879038101178>. Acesso em: 13 set. 2020.

³¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/mulherescombolsonarooficial/photos/a.818711818317900/832957023560046>. Acesso em: 13 set. 2020.

Os dois posts foram publicados em abril e maio de 2018, respectivamente. Em ambos, as materialidades verbal e imagética se relacionam, não de forma complementar, como nos diz Lagazzi (2007, p. 3), mas contraditória, “cada uma fazendo trabalhar a incompletude da outra”. Interessante também observar que, pensando o funcionamento da incompletude, que é constitutivo do discurso e dos sujeitos, na figura 3, não está formulada a palavra empoderamento, mas esse está sugerido pela arma na mão da mulher. Já, na figura 4, é o enunciado *sou mulher* que não está formulado, mas, considerando a imagem e o enunciado que a descreve - *isso que eu chamo de empoderamento feminino* - também aí funciona o lugar de enunciação *eu, lugar feminina*. No entanto, o que quero destacar sobretudo é essa relação entre o “empoderamento” dessa mulher feminina e o armamento. Em trabalho anterior (GRIGOLETTO; ZOPPI FONTANA, no prelo), afirmamos que “o gesto de “fazer arminha” é incorporado como traço de identificação no lugar de enunciação *eu, mulher feminina*”. Aqui, o gesto se transforma em ato, e a arma passa a fazer parte da indumentária dessa mulher “empoderada”. E é por isso que as mulheres que enunciam desse lugar não precisam do Estado, nem do mimimi do *vitimismo*. A sua segurança/proteção se dá pela *legítima defesa*, praticada com o uso da arma. O que o candidato que as representa precisa fazer é apenas liberar o armamento da população.

Nos dizeres presentes na figura 3, chama a atenção o modo como, ao enunciar desse lugar individualizante, essa mulher interpela as mulheres que se inscrevem no *nós, mulheres feministas*, o qual funciona por contradição com o *eu, mulher feminina*. Essa interpelação se materializa sobretudo nos enunciados “contra o movimento feminista” e “como posso te irritar mais?”. Ao enumerar suas características (*mulher, negra, conservadora*), e o que defende (*a família, a legítima defesa*), em oposição ao que entende ser a tomada de posição desse outro lugar (*contra o vitimismo, contra o movimento feminista*), coloca em disputa sentidos que são antagônicos, ou que se inscrevem em campos antagônicos da luta política. De um lado, as feministas, progressistas, que são contra Bolsonaro, contra o armamento, a favor do aborto e lutam para que as mulheres, sobretudo as negras, saiam do lugar de subalternidade que lhes é projetado pela sociedade patriarcal e capitalista. De outro, as mulheres eleitoras de Bolsonaro que, como essa que enuncia na figura 3, é conservadora, defende o modelo de família heteronormativa, é contra o aborto e contra o suposto *vitimismo* das mulheres que se inscrevem no movimento feminista, e *a favor da legítima defesa*. Com isso, rechaça o lugar de vítimas que, supostamente, as mulheres negras se colocam. Por isso, faz questão de se autoafirmar nesse lugar de mulher, negra e conservadora. Tal disputa de sentidos funciona porque há um pré-construído³² que aí comparece, que diz que mulher, sobretudo a mulher negra, não vota em Bolsonaro. Considerando que esse pré-construído atravessa o dizer dessa mulher, observamos o funcionamento da contradição e do cinismo nesses processos de identificação, inscritos no lugar de enunciação *eu, mulher feminina*.

Outra questão fundamental de ser mobilizada é o sentido de empoderamento presente nesses discursos. Trata-se, assim como o lugar de onde elas enunciam, de um empoderamento que é da ordem do individual, de um poder que é conquistada pelo uso da arma. Conforme nos diz Léon (2001, p. 96),

Para quienes lo usan desde el área de lo individual, con énfasis en los procesos cognitivos, el empoderamiento se circunscribe al sentido que los individuos le autoconfieren. Toma un sentido de dominio y control

³² Tal pré-construído não surge ao acaso, mas como resposta aos discursos machistas e racistas produzidos por Bolsonaro.

individual, de control personal. Es “hacer las cosas por sí mismo”, es “tener éxito sin la ayuda de los otros”. Ésta es una visión individualista, que lleva a señalar como prioritarios a los sujetos independientes y autónomos con un sentido de dominio de sí mismos, y desconoce las relaciones entre las estructuras de poder y las prácticas de la vida diaria de los individuos y grupos, además de que desconecta a las personas del amplio contexto sociopolítico, histórico, de lo solidario, de lo que representa la cooperación y lo que significa el preocuparse por el otro.

Ao tomar posição por esse empoderamento individualizante, essas mulheres constroem para si a ilusão de que estão seguras e protegidas contra qualquer tipo de violência. Eis, novamente, os engodos ideológico e tecnológico produzindo efeitos nos processos de identificação do gênero feminino. Ao se submeter a esse conjunto de engodos, apagam a luta do movimento feminista, ignorando todos os elementos políticos, históricos e ideológicos que envolvem a discussão sobre o empoderamento. Como nos diz Wanderley (2020, p. 39), quando o termo empoderamento passa a circular no interior de uma formação ideológica neoliberal, como é o caso aqui, “ocorre uma sobredeterminação do pessoal/individual no social, processo que opera uma cooptação do discurso da luta social pela miragem de uma emancipação social de caráter individualista”. Mas isso não se dá fora do ideológico. Por isso, esse efeito de empoderamento, produzido para si pelas armas em punho, é o efeito-evidência, evidência do sujeito e do sentido, produzida pelo enlace entre os engodos ideológico e tecnológico. E tais evidências apontam para um processo de despolitização, ou desideologização, segundo Han (2018), da luta do empoderamento feminino, que tem como grande desafio a “superación de la desigualdade de género” (LÉON, 2001, p. 104). É preciso transformar as relações de poder, retirar dos homens a posição privilegiada que o patriarcado lhes assegurou, com poder sobre os corpos, as sexualidades, os desejos femininos. E essa transformação das estruturas que reforçam a discriminação de gênero, mas também as desigualdades sociais, não se faz de forma individual, muito menos colocando armas nas mãos das mulheres.

Para encerrar esse segundo tópico de análises, volto à questão dos processos de identificação. Durante todas as análises, busquei mostrar como funciona, discursivamente, a partir da teorização feita por Pêcheux (2009, p. 198, grifos do autor), a relação entre aquilo que é da ordem do “*pré-construído* (o “sempre-já aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e “seu sentido” sob a forma da universalidade – “o mundo das coisas”)” e aquilo que é da ordem da “*articulação* ou *efeito-transverso* (que constitui o sujeito em sua relação com o sentido, isto é, representa no interdiscurso aquilo que determina a dominação da forma-sujeito)”. E, para avançar na reflexão sobre o modo como isso produz, nas palavras de Pêcheux, “efeitos paradoxais” nos processos de identificação do sujeito, concentro-me na discussão sobre o que caracteriza, segundo Pêcheux (2009, p. 199), o discurso do “bom sujeito”. Trata-se da primeira modalidade de tomada de posição do sujeito, proposta pelo autor, que “consiste numa superposição (um recobrimento) entre o *sujeito da enunciação* e o *sujeito universal*, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza sob a forma do “*livremente consentido*” (PÊCHEUX, 2009, p. 199, grifos do autor).

Entendo, a partir do corpus analisado, que a tomada de posição dessas mulheres reproduz esse discurso do bom sujeito, uma vez que, sofrendo cegamente as determinações dos engodos ideológico e tecnológico, elas enunciam a partir de um lugar individualizante, reproduzindo o discurso dominante sobre o seu pertencimento ao gênero feminino. Ao afirmarem, com orgulho, *sou mulher*, tomadas por um efeito de liberdade plena, repetem rituais, não se dão conta de que estão reproduzindo um discurso machista, já

problematizado por Simone de Beauvoir, na primeira metade do século XX. Diz Beauvoir (2016, p. 11): “Se quero definir-me, sou obrigada a declarar: “Sou uma mulher. [...] Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é evidente”” (BEAUVOIR, 2016, p. 11).

Ou seja, a reafirmação do pertencimento ao gênero feminino, nos processos de identificação dessas mulheres, apaga toda a opressão, a submissão, as desigualdades de gênero vividas pelas mulheres ao longo dos séculos da nossa história, dando ênfase ao papel biológico da mulher, que é ser mãe. Faz parecer que a luta do movimento feminista não teve importância, como se todas as conquistas femininas surgiram da generosidade dos homens que sempre ocuparam os espaços de poder. Portanto, o pré-construído que se reinscreve no discurso dessas mulheres não é o *nós* da luta coletiva do movimento feminista, mas sim o *eu individualizante*, que “luta” diariamente para ser reconhecida pelo seu mérito pessoal. Considerando, como nos ensina Pêcheux (2009), que não há identificação plenamente bem sucedida, ou ritual ideológico sem falhas, entendo que o que pode produzir deslocamentos nesses discursos não é a resistência (pelo menos não vindo dessas mulheres), mas a tomada de posição cínica, que funciona, conforme já mostrei nas análises do primeiro tópico, a partir de “uma tomada de posição desengajada” (BALDINI, 2012, p. 111). É essa tomada desengajada que, me parece, funciona na figura 3, acima, por exemplo, em que a mulher, sendo negra, sabe de todo o processo de escravização e segregação histórica sofrido pelo seu povo, mas não tendo ela sofrido pessoalmente tais efeitos, prefere se identificar com a posição do dominador.

Produzindo um efeito de fechamento

Concluir é sempre um efeito, sobretudo para quem se inscreve no campo da AD, porque questões sempre permanecem em aberto, outros sentidos demandam interpretações. Mas, ainda que num gesto simbólico, julgo importante amarrar alguns fios de nós que foram se construindo na tessitura deste artigo.

Busquei refletir, em discursos produzidos por mulheres eleitoras de Bolsonaro, como se dá o processo de identificação dessas mulheres ao gênero feminino, considerando que o gênero é uma construção discursiva e social. Persegui, ao longo das minhas análises, o funcionamento do enunciado *sou mulher*, observando-o, por um lado, em relação à afirmação *sou mulher de verdade* e, por outro, ao que produz o empoderamento dessa mulher. Parti de outras análises já realizadas com esse corpus, mostrando que, ao enunciar *sou mulher*, essas mulheres dizem de um lugar de enunciação que tenho chamado de *eu, mulher feminina*, o qual funciona na contradição com um *nós, mulheres feministas*. Embora a insistência seja num *eu individualizante*, ao observamos o funcionamento discursivo desse lugar de enunciação, o *nós* é, necessariamente, convocado, não para com ele se identificar, mas para negá-lo.

Portanto, essa mulher feminina que é a mulher de verdade, a cidadã de bem que vê no armamento o seu principal traço de empoderamento, que se orgulha em dizer *sou mulher*, autoafirmando-se pertencente ao gênero feminino, o que significa ser esposa, mãe, avó. É com esses sentidos, que dizem sobre o *ser mulher* do ponto de vista especialmente do gênero biológico, que as eleitoras de Bolsonaro se identificam, produzindo um deslocamento do *nós*, enquanto luta coletiva do movimento feminista, para um *eu*, resultado de uma “luta”

individual e o único responsável pelo (in)sucesso dessa mulher. Tal deslocamento produz alguns efeitos. Vejamos.

Esse *eu individualizante* é produzido na contradição entre os engodos tecnológico e ideológico. Assim, quanto mais esse sujeito se pensa livre, desengajado, dono da verdade e desideologizado, mas ele está sob o efeito desses engodos, isto é, mais ele está coagido, programado, engajado a UMA ideologia e a UMA verdade. Mais ele reproduz, de forma perversa, o discurso da ideologia neoliberal, mas também os discursos racista, machista e opressor, próprios do candidato que essas mulheres defendem. No entanto, em alguns casos, mesmo tendo conhecimento de que o seu discurso reproduz tais sentidos, ele continua fazendo. É quando se produz a forma cínica do discurso, em que os sujeitos sabem que falam do lugar de opressores, mas fingem não saber, ainda que eles próprios possam pertencer ao grupo de sujeitos subalternizados, oprimidos, como é o caso das mulheres como um todo, mas das mulheres negras em especial.

Dessa forma, entendo que, tanto o que eu chamei de engodo tecnológico quanto o cinismo, funcionam produzindo deslocamentos nos processos de identificação e engajamento dessas mulheres nas mídias sociais, que se caracterizam como narcísicas. Trata-se de um engajamento que se revela cruel, porque, muitas vezes, o lugar do opressor é reproduzido pelo oprimido, apontando para uma lógica perversa do *capitalismo da vigilância*. Nessa nova forma de capitalismo, baseada na lógica da acumulação, o *big brother* se transforma em *big other* (ZUBOFF, 2018) ao qual estamos todos submetidos. Nas palavras da autora: “Cada um de nós pode seguir um caminho distinto, mas esse caminho já é moldado pelos interesses financeiros e/ou ideológicos, que imbuem o *Big Other* e invadem todos os aspectos da “vida privada” de cada um” (ZUBOFF, 2018, p, 45).

Diante desse cenário tão desolador, termino este texto com o desejo de que nós, mulheres, possamos, através da luta coletiva, se não romper com essa nova forma de capitalismo, pelo menos, a partir da tomada de consciência desse funcionamento, não reproduzir os discursos machistas e opressores de nossa sociedade patriarcal, mas produzir outros sentidos nas brechas, nas margens desses engodos ideológico e tecnológico que nos enredam e nos afetam. Que os nossos discursos possam desconstruir esses discursos homogeneizantes, desideologizantes e individualizantes, inscrever-se nos dados residuais dos interesses desse capitalismo da vigilância e transformar-se em pautas das nossas reflexões acadêmicas e pessoais.

Referências

BALDINI, L. J. S. Discurso e cinismo. *In*: MARIANI, B.; MEDEIROS, V. (org.) **Discurso e...** Rio de Janeiro: 7 letras; Faperj, 2012, p. 103 -112.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Vol. 1, 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte da memória? *In*: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999 [1983], p. 23 - 37.

HAN, B.-C. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

LAGAZZI, S. O recorte significante na memória. **Anais do Sead**. Porto Alegre, 2007, p. 1- 6. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/SuzyLagazzi.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2020.

LÉON, M. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos em los estúdios de género. **La ventana**, Guadalajara, México, Vol. 2, nº 13, p. 94 -106, 2001. Disponível em: <http://148.202.18.157/sitios/publicacionesite/ppperiod/laventan/Ventana13/ventana13-4.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a [1969], p. 61- 161.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1997b [1983a].

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999 [1983b], p. 49 – 57.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1975].

PÊCHEUX, M. Foi “propaganda” mesmo que você disse. *In*: PÊCHEUX, M., **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. 2ª ed. Campinas: Pontes editores, 2011 [1979], p. 73 - 92.

PÊCHEUX, M. Efeitos discursivos ligados ao funcionamento das relativas em francês. *In*: PÊCHEUX, M., **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. 2ª ed. Campinas: Pontes editores, 2011 [1981], p. 131 -140.

WANDERLEY, R. de K. K. **Da inspiração à interpelação**: o discurso fitness no instagram. 2020. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Lugares de enunciação e discurso. **Revista Leitura**. Maceió, AL, N° 23, p. 15-24, 1999.

ZOPPI-FONTANA, M. G. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Conexão Letras**. Porto Alegre, RS, v. 12, n. 18, p. 63 - 71, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457>. Acesso em: 03 jul. 2020.

ZUBOFF, S. *Big Other*: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. *In*: BRUNO, F. *et al* (org.) **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 17 - 68.